



Love on-line: paixão e poder no mundo da cibercultura

Francisco Rüdiger

Resumo: Este trabalho expõe e comenta, por meio de resumo de estudo de caso, a forma como os sites de encontro agenciam os conflitos íntimos e problemas de relacionamento que emergem com a sua subsunção aos protocolos de interação mercantil ocorrida no final do século XX. A primeira parte do texto apresenta e documenta o fenômeno, sumariando os achados de um trabalho de leitura da correspondência enviada a esses sites. A segunda parte aprofunda o exame dessa questão, situando-a em relação às formas de sociabilidade mais amplas. A terceira, enfim, faz uma análise interpretativa, procurando argumentar que se trata, em sua aparente irrelevância de significado, na verdade de um bom sinal para se conhecer os regimes de poder que subjazem à cibercultura e especular sobre qual é o seu impacto nas formas de sociabilidade que se articulam nessa nova plataforma do processo civilizatório.

Palavras-chave: relacionamentos amorosos na internet; amor e paixão na cibercultura; cibercultura e relações de poder; subjetivismo e formas de sociabilidade tecnológicas

Abstract: *Love on-line: passion and power in the world of cyberculture* — Based on a case study, this article summarizes and discusses how on-line dating services mediate personal conflicts and problems of relationships that emerge by subordinating them to the commoditized protocols of social interactions occurring in the late 20th century. The first section of the article describes the phenomenon and makes some observations about it based on a review of the correspondence sent to a Brazilian version of the global site Match.com. The second section examines the issue in depth, situating it in relation to the broader principles of sociability. The last section makes an interpretative analysis of the topic, arguing that, despite its apparent irrelevance, it is in fact an excellent indication of some of the features of the power regimes that inform our cyberculture and that are reshaping the forms of sociability currently developing in this stage of the civilizing process.

Keywords: love and the internet; love and passion in the cyberculture; cyberculture and power relationships; subjectivism and technological forms of sociability

O Ocidente criou e difundiu o princípio segundo o qual não apenas devemos amar uns aos outros, mas esse amor difuso pode e deve ser cultivado e vivido em profundidade e de

maneira recíproca com outra pessoa em especial. A internet é prova de que, embora parcialmente fantasioso, esse fenômeno não é algo imposto com o objetivo de sujeitar a mulher pelo patriarcado, conforme querem as feministas, nem um simples motivo de exploração do desejo pelo capitalismo, conforme sugeriria a primeira teoria crítica da sociedade.

A presença do tema em suas capilaridades comprova que ele tem fundamento no processo histórico de formação do nosso mundo e, portanto, tem relação tanto com essas instituições quanto com o nosso modo de ser mais originário: ele é um fenômeno enraizado e, só por isso, mitológico e passível de exploração mercadológica. O fato de o amor ser algo sobre o qual precisamos nos manifestar, algo com o que nos expressamos como coletividade, não pode nos fazer esquecer a forma concreta em que esse mito se articula, o que remete, em nossa análise, não apenas à exploração patriarcal e mercantil do qual pode ser alvo, mas ao fato dele haver passado a ser agenciado como mercado em escala ainda mais avançada com o advento da internet.

A internet estimula o desenvolvimento e a elaboração de nossas capacidades expressivas, relacionais e emocionais, ao mesmo tempo em que tende a provocar abalo nas estruturas que, até então, impediam ou dificultavam a sujeição mais direta aos protocolos mercantis. A rede facilita o contato, poupa os esforços e reúne os interessados, contudo coloca-os na dependência do subjetivismo de uma vida social dominada pelo fetiche da mercadoria. Com ela, o campo do relacionamento afetivo se revela mais dinâmico e tende a ser cada vez mais competitivo, fazendo com que seja sempre mais difícil tirar vantagens baseadas em situações de monopólio, ao multiplicar oportunidades e desenvolver nossas capacidades relacionais.

A hipótese em que se pode passar a pensar é a de que, em geral, o resultado disso será não apenas uma racionalização dos contatos e condutas amorosas mas também uma fragilização das estruturas relacionais, visto que a expansão tecnológica dos mecanismos de mercado surgida com a revolução sexual do final do século passado provavelmente conduzirá a uma crescente dificuldade em manter a estabilidade emocional ou equilíbrio interior em relação a tudo isso, sobretudo entre as pessoas que se dizem ou já estão comprometidas.

Nosso objetivo neste artigo é explorar essa perspectiva como chave de leitura do que ocorre nos serviços de relacionamento surgidos com a internet, tomando como exemplo o site brasileiro Par Perfeito (match.com). Em primeiro lugar, resumiremos a observação da correspondência enviada pelos seus usuários à conselheira sentimental do serviço de relacionamentos, dra. Thaís Oliveira. Em segundo, contextualizaremos o fenômeno em meio à desordem amorosa impulsionada pela expansão da economia de mercado e seu correlato individualismo. Por fim, pretendemos elaborar uma interpretação sobre o seu significado, chamando a atenção para a forma como os relacionamentos afetivos estão se tornando um sistema de coações sociais que se articula com sua inserção nos mecanismos daquela economia e se agencia de modo exponencial nos sites de relacionamento da internet.

A internet e o amor

Aparentemente, as primeiras manifestações do fenômeno — enquanto expressão de cibercultura — assim como o folclore a seu respeito, surgiram em meados dos anos 1980, com as páginas de recados veiculadas em redes como a Compuservice, nos Estados Unidos, e a Minitel, na França. Em seguida, o processo encontrou um canal mais informal, com o surgimento das salas de bate-papo, especializadas ou não na temática (GWINNELL, 1999; SAMPAIO, 2002; SVENINGSSON, 2002; LEVIS, 2005). Segundo Miriam Beisleber (2004), pesquisas de audiência alemãs verificaram que, em 2004, cerca de 12% dos entrevistados que tinham parceiros os haviam conhecido via internet).

Desde que foi dada a largada para a expansão da internet, o campo se tornou alvo de empresas especializadas, interessadas em explorá-la economicamente, como é o caso da Match. A Match começou a operar de modo independente nos Estados Unidos em 1995. Dois anos depois, passou a fazer parte de um conglomerado multimídia de pequeno porte. A expansão do negócio levou a sua fusão com outras empresas, o que resultou na criação, em 2002, do grupo InterActive. Operando no Brasil desde 2001 com várias marcas (Par Perfeito, Combine, Yahoo Encontros etc.), o serviço de relacionamento explorado por ele se instalou em 37 países e afirma ter, no mínimo, 15 milhões de assinantes em todo o mundo. Menos de 10%, todavia, são pagantes, segundo informa uma empresa de pesquisa de mercado (Júpiter Research, 2006).

No Brasil, os primeiros serviços do gênero foram criados pelos maiores portais, em 1997. O Terra criou o “Almas Gêmeas”, e o UOL o “Amigos virtuais”, ambos integrados mais tarde ao controlador local do Match. A primeira empresa nacional independente, a comovai.com.br, começou a funcionar como pequeno negócio em 2000. Entre 2002 e 2008, seu cadastro teria passado de duzentos para 450 mil usuários, e os casamentos, sabe-se lá como descobriram, de sessenta para quinhentos.

Fazendo serviço de porta-voz desse negócio, a revista *Veja* especulou que 10% dos solteiros do nosso país fariam uso desse tipo de serviço em 2002. Nesse ano, o número de sites e/ou marcas chegou a vinte, quadruplicando em relação a 2000. Ainda segundo o veículo, dois terços dos usuários tinham curso superior, e o serviço havia entrado na moda, permitindo aos provedores faturarem alto (1 milhão de reais, no caso do grupo Match) (PINHEIRO, 2002).

Segundo Joe Tracy, responsável por uma publicação especializada (www.online datingmagazine.com), apesar de o mercado ser enorme, os custos para o usuário são muitos altos, e os serviços, de baixa qualidade, o que impede sua devida exploração. Porém, acrescentamos, não é só isso. Consultando a correspondência enviada ao seu site, ficamos sabendo que várias empresas incorrem em práticas lesivas ao usuário, quando não é o caso dos seus sites servirem de plataforma para operações mafiosas. (sobre isso ver cartas ao editor em www.onlinedatingmagazine.com/onlinedatingeditor.html).

Em linhas gerais, os serviços funcionam da seguinte maneira: o interessado preenche uma ficha com uma série de dados individuais e sobre a pessoa a quem procura, para ser publicada no site da empresa. O cadastramento serve de passe para ela pesquisar e ser pesquisada por outras, com o fito de avaliar convergências e perspectivas. Os contatos são feitos por mensagens eletrônicas, inclusive em tempo real, embora só os usuários que pagam assinatura tenham como fazer a leitura da correspondência.

No Par Perfeito e bandeiras associadas, existe também um serviço de aconselhamento, de responsabilidade da psicanalista Thaís Oliveira. A função da terapeuta é responder às perguntas, ouvir as reclamações e, eventualmente, dirimir as dúvidas dos usuários. Em médias, são respondidas cinco cartas por semana. Julgamos que esse material é uma boa base para se examinar esse fenômeno de cibercultura de modo menos descritivo e, portanto, sem ingenuidade intelectual. Os documentos que pudemos observar se estendem por um período de oito anos, com um total de aproximadamente 3.100 mensagens. Desse intervalo de tempo, selecionamos para exame os textos publicados no seu início e meio, isto é: nos anos de 2001, 2004 e 2007.

Em resumo, as situações relatadas nessa documentação, que inclui cartas e páginas pessoais, são de cunho bem rotineiro, constituído por vários elementos e passos que lembram os de um ritual sem liturgia. A faixa etária dos usuários está concentrada entre os dezoito e cinquenta anos, com faixa de renda de até seis salários mínimos. As pessoas, primeiro, pesquisam as fichas dos usuários, usando critérios que variam segundo o gênero. As mulheres valorizam o companheirismo em primeiro lugar e selecionam possíveis interessados com base em critérios como profissão, renda e grau de instrução, fixando-se em seguida na sua imagem fotográfica, se há. Os homens, em vez disso, fixam-se nesse último ponto e na descrição do corpo das usuárias, valorizando sobretudo a aparência física.

Conforme nota Erika Ramalho e outros estudiosos do assunto, os relacionamentos são, com efeito, neste e, aduziríamos, em qualquer espaço entendidos de maneira distinta por homens e mulheres. O principal objetivo dos primeiros ao recorrer a esse serviço é conhecer mulheres para relacionamento sexual. João (25), entrevistado da autora, resume: “o que eu queria era transar com mulheres interessantes” (RAMALHO, 2005, p. 67). As mulheres que escrevem para os sites confirmam, reclamando que, além de “só quererem sexo” (2 de outubro de 2007), eles “querem estar cada dia estar com uma diferente” (20 de novembro de 2007).

Em contraponto, o principal objetivo das mulheres é conhecer homens para amizade e, eventualmente, relacionamento afetivo íntimo e duradouro. Como os homens, porém, elas costumam ignorar aqueles que carecem de atrativo físico, assim como aqueles que se recusam a exibir ou trocar fotos, e se afastam rápido de quem lhes desagrada. Manuela, 23 anos, arquiteta, sumaria: “Caso a pessoa me desagrade, corto ele de minha lista de contatos em menos de dez minutos e bloqueio” (RAMALHO, 2005, p. 71).

Em geral, os contatos que frutificam costumam ser mais por e-mail do que por mensagem instantânea, ao menos de início, caracterizando-se pela fugacidade e insucesso.

Os usuários apontam que suas mensagens não obtêm resposta ou então que elas não justificam o prosseguimento dos contatos. Os casos que prosperam seguem as seguintes etapas. A primeira é a da troca de mais mensagens eletrônicas, durante tempo variável. A segunda é a da conversa em tempo real, por meio eletrônico e, depois, telefônico, algo que às vezes dura semanas, quando não meses.

Segundo alguns informantes, a sensação que a internet lhes proporciona podem ser equiparadas a das drogas e, portanto, são potencialmente viciosas, tanto no sentido de fazer daquela uma forma de encaminhar relacionamentos, quanto no sentido de se tornar a única forma de se satisfazer. Meire, 36 anos, por exemplo, afirma que surgiu uma “outra maneira de gostar”.

É uma história muito louca. Há 7 meses mantenho um relacionamento virtual. Trocamos e-mails todos os dias. Já chegamos a enviar até 5 num dia, só para um contar do seu dia para o outro. Nos falamos por telefone até 4 vezes por semana. Sentimos muita saudade um do outro. Namoro virtual é uma outra maneira bem deliciosa de gostar, de curtir uma história. Pretendemos um dia ficar juntos, mas só Deus sabe. (A internet e o amor virtual. Digestivo cultural, internet, sexta-feira, 5 de julho de 2002)

Depois dos primeiros contatos, o passo seguinte consiste no contato real, motivo de todo um folclore sobre enganos e desfeitas, embora também se encontre relatos de experiências felizes. Os relatos que pudemos compulsar dão conta de que, desses contatos, podem nascer relacionamentos bem-sucedidos, sejam amizades ou namoros, mas também que isso pode ser apenas aparente, porque o tempo pode mostrar, sobretudo às mulheres, que, sob a aparência de uma paixão, havia um ou outro tipo de trapaça.

Conheci um homem q parecia maravilhoso, eu tinha acabado de sair de uma historia de 5 anos, ele foi um amor comigo, ate q depois começou a mostrar sua verdadeira face deu vários golpes em minha cidade e agora ninguém localiza ele. Portanto, cuidado pessoal, o relacionamento tradicional ainda e o melhor, zele pelo seu bem estar afetivo. Cuidado com os príncipes encantados virtuais, pois eles podem se tornar verdadeiros sapos... [afirma a internauta Luciene]. (A internet e o amor virtual. Digestivo cultural, internet, sexta-feira, 5 de julho de 2002)

Por esse entre outros motivos, verifica-se que os serviços de relacionamento são vistos com ambiguidade pelos usuários, ao menos do ponto de vista da sua legitimidade. Os relatos sobre mentiras e tentativas de abuso no site são muito comuns, como atesta a documentação consultada. A conduta predatória do sentimento alheio, facilitada pela virtualidade, é comum a ambos os sexos, embora mais frequente e ofensiva por parte dos homens. O favorecimento da conduta estratégica cobra, porém, um preço, tendendo a bloquear os processos de cognição recíproca orientados moralmente, que exigem ambientes concretos e menos restritos. Os esquemas em que se baseia podem contribuir para abortar processos de crescimento e interação que, de outro modo, talvez fossem mais promissores.

Enquanto alimento as fantasias eróticas sou perfeita, e ficam aos meus pés, mas se por algum motivo quero falar de assuntos diversos ou se estou com a libido um pouco menos estimulada (ninguém é um vulcão 24 horas), sou tratada como se os tivesse ofendido, como se fosse algo intencional, ficam literalmente magoados [e somem]. (Digestivo cultural, internet, sexta-feira, 12 de novembro de 2007)

De outro lado, verifica-se que a rejeição afetiva ou a falta de simpatia recíproca que se encontra no real não está ausente do mundo virtual (cartas de 7 e 8 de agosto, 19 de outubro e 22 de novembro de 2001; 5 de janeiro, 16 de fevereiro, 23 de março, 5 de abril e 21 de junho de 2003). Os usuários observam, sentem e reclamam do desprezo, da indiferença ou da falta de retorno que encontram no *site*. O problema pode servir de base para introduzirmos nossa discussão sobre o que esses serviços de relacionamento significam do ponto de vista crítico, histórico e humano.

As várias cartas escritas à moderadora sobre a dificuldade em encontrar a “pessoa certa” ou sobre a “falta de sorte no amor” revelam dois eixos (interligados) de problematização dos relacionamentos no âmbito do ciber mundo. O primeiro diz respeito às incertezas acerca dos próprios sentimentos e desejos, para não falar dos que se consegue perceber nos outros, ao menos on-line (21 de junho de 2003). Aparentemente, inclusive nos casos em que os usuários se mostram em fotografias, surgem dúvidas e incertezas sobre seus atrativos estéticos (20 de novembro de 2007). Em 2 de janeiro de 2007, um usuário sugeriu que a moderadora passasse a avaliar os perfis, a fim de se aumentar as chances de se obter bons resultados.

O segundo eixo, relacionado ao primeiro, é o da “falta de estética” dos usuários, sejam homens ou mulheres. O conjunto gira em torno da suspeita, por eles mesmos levantada, de que há algo errado consigo (8 e 23 de novembro de 2001) e de que, junto com a falta de dinheiro (3 de março; 5 de abril e 4 de maio de 2003) e de curso superior (5 de dezembro de 2007), a indiferença acima acusada tem a ver com a falta de juventude e beleza das pessoas (21 e 26 de novembro de 2001; 5 de julho e 26 de fevereiro de 2003 — o caso relatado nesta última carta beira a comicidade: a mulher despreza os mais velhos, mas não entende por que os homens mais jovens que a interessam desejam as mais moças).

Segundo alguns usuários, o principal problema enfrentado nos *sites*, com efeito, é que “a busca se restringe a Top Models e Bill Gates, pois as pessoas só enxergam beleza e dinheiro” (23 de julho de 2001). Para outros, porém, ele consiste no fato de que o serviço parece ser a “salvação das pessoas feias”, um juízo feito por pessoas de ambos os sexos. O coquetismo feminino é proporcional à indiferença masculina, a esnobação não exclui nenhum gênero (cf. 9 de março, 28 de junho e 5 de julho de 2003). “Escrevo, jogo charme, peço fotos... e quando chegam é sempre [de um] canhão”, resume um usuário que se identifica como Nando (30 de outubro de 2001; cf. 26 de janeiro e 9 de fevereiro de 2003).

As centenas de cartas pedindo avaliação dos perfis, perguntando o que há de errado com eles (ver, por exemplo, 21 de junho de 2003), têm sem dúvida ligação com essa cons-

ciência não apenas de que a imagem individual se tornou foco da interação dos sujeitos, de que o amor há muito deixou de ser cego, se é que foi um dia, mas, sobretudo, de que essa imagem se tornou objeto de um gerenciamento e exploração mercadológico (ver, por exemplo, as cartas de 12 de janeiro e 2 de fevereiro de 2003), apesar das sugestões em sentido contrário, sublinhando aspectos cognitivos, morais e intelectuais, dadas pela moderadora do serviço, Thaís Oliveira.

Diante desse tipo de situação, a conselheira parece não ter outro recurso senão pedir aos reclamantes, alguns revelando claros sinais de inveja (26 de janeiro e 17 de março de 2003), “um pouco mais de paciência” e que eles “sejam tolerantes com esse estado de coisas” (23 de julho de 2003), porque embora o problema seja, como as suspeitas em relação ao valor moral do serviço, expressão de um preconceito caduco contra a forma e “o conceito moderno de se relacionar”, o “site Par Perfeito é democrático” (30 de outubro de 2001). Conforme ela escreve em um artigo postado no site, o fato é que “os serviços de relacionamento se aperfeiçoaram do ponto de vista técnico mais rapidamente do que as ideias a seu respeito [e o modo de usá-los por parte de muitas pessoas] (“Sites de relacionamento”, s/d).

Diante da pergunta se, em função das exigências de um sensualismo desenfreado, por exemplo, os relacionamentos não estariam em extinção, à conselheira só resta lembrar que “sempre existe um lírio no meio do lodo” e que a recomendação, para quem acusa o mal, é “resistir, não tentar se encaixar em nada disso”, nesse “carnaval funesto que estamos vivendo” (29 de novembro de 2001). Os conflitos sentimentais e desencontros amorosos se multiplicam porque, segundo ela, as pessoas estão mais preocupadas em se encaixar na moda, vestindo máscaras que, em vez de facilitar, “causam confusão e desencontro [entre os indivíduos]” (5 de dezembro de 2001).

Gostaríamos, no que segue, de tentar explicar porque só excepcionalmente pode ser diferente com os relacionamentos, a partir do momento em que eles vão se tornando objeto desse tipo de esquematização e motivo de toda uma cibercultura.

Subjetivismo e virtualidade

Marcio Souza Gonçalves (2000, p. 41) afirma corretamente que se, por um lado, “os relacionamentos virtuais são mais um artifício na longa lista de artifícios que permitiram que os seres humanos se relacionassem amorosamente entre si”, de outro, eles representam uma novidade radical, ao libertar o amor de todas as obrigações que lhe fixavam um sentido estranho às suas próprias circunstâncias. Como ele nota, os cenários on-line representam um território em que prospera a aventura banal, algo do qual os romances virtuais podem ser exemplo. O romantismo sempre teve um acento aventureiro, que o ciberespaço atualiza e promove em meio às condições de vida de uma era burocrática e consumista, como se pode notar, aliás, nas declarações dos seus sujeitos.

Vivo um intenso amor [virtual], como não imaginaria mais ser possível. Se vai dar em algo ou não, pouco importa... Ele me dá hoje tudo que não tive em dois casamentos... Que essa tecnologia seja nossa aliada, que nos faça repensar nossas atitudes e valores, que nos incomode muito! (A internet e o amor virtual. *Digestivo cultural*, internet, sexta-feira, 5 de julho de 2002)

Em nossos termos, postularíamos que o ciberespaço promove uma abstração do amor mediada tecnicamente, sobretudo entre os jovens, servindo de poderosa experiência de aprendizado para a vida adulta, uma vez que não há como julgar adulta a pessoa que segue se relacionando unicamente através do ciberespaço. A paquera platônica pode e, sem dúvida, será daqui por diante, para muitos, a fortuna de seus desejos amorosos, mas esse não é um destino que se possa explicar apenas endogenamente, por pura e simples fixação do desejo no campo virtual e seus prazeres, como pretendem alguns intérpretes do fenômeno.

O processo precisa ser explicado em função da unidade dialética que o ciberespaço forma com o cotidiano imediato (um âmbito no qual as relações amorosas vão se pondo cada vez mais na dependência da fantasia negativa hobbesiana). O cultivo de contatos eletrônicos com objetivos afetivos deveria ser visto como uma racionalização tecnológica da conduta afetiva, racionalização essa promovida pelo interesse econômico capitalista, a despeito do seu discurso benevolente.

Nesse sentido, a paquera virtual seria julgada apropriadamente como o último estágio de um processo que começou com a progressiva informalização dos contatos afetivos que acompanhou o declínio da era burguesa, como uma emanção eletrônica do processo de paulatina desregulamentação do mercado de relacionamentos ocorrida ao longo do século XX.

A emancipação econômica e política da mulher e o aparecimento de uma cultura juvenil autônoma retiraram a conduta desses grupos das tutelas familiares e patriarcais. A revolução sexual, por sua vez, completou o processo, ao promover um nivelamento de conduta entre homens e mulheres. Esses acontecimentos, por um lado, puseram fim ou alteraram profundamente o controle e supervisão dos relacionamentos pela família, mas, por outro, arrebentaram com as convenções e regramentos que, bem ou mal, forneciam-lhe salvaguardas institucionais. O resultado mais geral desse processo é inserção dos relacionamentos em um contexto que se estrutura como mercado e que, nessa situação, os colocam mais e mais na dependência do subjetivismo dos seus atores e protagonistas.

O exame da exploração econômica a que deu lugar a procura de soluções para esse tipo de problema via internet reconhece que o fenômeno está promovendo uma racionalização funcional da conduta afetiva, mas essa não se limita a desbloquear e expandir as chances de relacionamentos, como muito pensam ingenuamente. A reestruturação dos padrões de conduta afetiva de acordo com a codificação ao mesmo tempo mercantil e instrumental possibilitada pela exploração do mecanismo resulta ainda na formação de um mercado para eles e na mercantilização dos padrões de contato afetivo entre as pessoas em meio à cibercultura.

O conhecimento e a reflexividade estimulados a se desenvolverem durante esse processo não podem ser dissociados da reificação mercantil da conduta dos sujeitos, algo que começa, por exemplo, com a ideia de que, assinando o serviço, se está fazendo um investimento e de que, no contexto, o saber aplicável a si e aos outros precisa ou deve ter um forte acento mercadológico. O ponto é revelado no depoimento dado por um usuário à reportagem:

Em minha opinião, o mais interessante da internet é a possibilidade de você praticamente encomendar alguém. Há filtros para chegar a um perfil compatível com o que você espera (RB, 30, publicitário, apud PINHEIRO, 2002).

A ambiguidade ainda presente nesse depoimento é dissipada em seu pano de fundo com as palavras de AB, empresário, 32. Segundo ele, o sistema dos sites é fascinante, porque permite à pessoa encontrar uma mulher a cada dia da semana, constituindo uma experiência similar à da ida a um shopping center:

Você vai vendo aquelas fotos, lendo aqueles perfis e escolhendo: parece que está indo às compras. Descarta essa, guarda aquela... Acho a engrenagem fascinante: é quase entretenimento (apud PINHEIRO, 2002).

Nas páginas de *Veja* e nos vários manuais publicados com o objetivo de ajudar as pessoas a intervir nessa situação de namoro *on line* é ressaltada a vantagem do sistema em relação às formas usuais de conhecer pessoas. Os serviços, lê-se, facilitam a seleção e privilegiam a objetividade, oferecendo segurança, comodidade, variedade e quantidade. Do ponto de vista crítico, porém, o principal vai muito além disso, da facilitação dos contatos e multiplicação dos encontros, como dizem seus mantenedores, para não falar do que pensam os usuários. Claramente, o que está em jogo é uma reestruturação da conduta afetiva de acordo com os princípios de uma economia de mercado e do pequeno empreendedorismo desregulamentado.

Aaron Ben Ze've (2004, p. 218) parece ter razão, por isso, ao afirmar que "as relações *on line* parecem ser o principal e mais sério desafio que os relacionamentos românticos enfrentarão a longo prazo". A internet é em si uma forma de experiência emocional, que pode tanto gratificar quanto causar sofrimento (rejeição). O principal ponto a notar, porém, segundo nosso ponto de vista, é que, assim como o amor *on line* pode ajudar nos relacionamentos, ele também pode conduzi-los a violenta instabilidade e fragilização. As facilidades que a internet cria para conhecer alguém interessante são as mesmas que podem ensejar a busca de mais e mais pessoas, porque ninguém sabe ao certo quais são os limites do que pode ser de interesse. O fato é que a oferta de amor está se tornando virtualmente inesgotável, rebaixando as condições gerais de relacionamento.

As possibilidades que a internet abre para que o sujeito possa fugir da solidão ou das tensões relacionais são em princípio as mesmas que ela tem de fazer criar outras novas

ou se resignar com o abandono afetivo por parte dos demais. A pesquisa mostra que esse perigo tem origem não apenas na conduta predatória de muitos sujeitos mas no fato de que o cunho lúdico do meio e das relações que ele enseja abrem a porta de trás para o aparecimento de novos interesses eróticos e sentimentais. À ressalva inicial de que tudo não passa de brincadeira com algo irreal, segue-se a consciência de que se pode fazer uso irrefreável do meio para fazer contatos e namorar quantas pessoas for possível, com evidente prejuízo para os possuidores de menor capital romântico.

Deb Levine (1998, p. 167-174), redatora de um manual de relacionamentos virtuais, sugere, por isso, que, se você, por exemplo, tem um parceiro bacana e não quer se incomodar, deve evitar a internet ou então, na hipótese de ela se tornar irresistível, pelo menos evitar o pior, aceitando certas regras de conduta. Segundo a autora, o casal não negará a si o acesso à internet, mas o fará: a) namorando conjuntamente pelo ciberespaço; b) evitando contatos fortes ou seja, os que ultrapassam o simples flerte), quando estiver separado; c) concordando em jamais aceitar a conversa ao telefone; d) trocando intimidades entre si antes de acessar a rede; e) mantendo o micro ao alcance do outro.

Em razão de tudo isso, parece-nos trivial demais concluir, conforme fazem alguns estudiosos do fenômeno, que o ciberespaço, embora específico, consiste apenas mais um espaço para se fazer contatos e buscar relacionamentos amorosos. Os contatos não são em essência diversos do que se encontra em outras situações, sim, mas convém ter cautela e esclarecer bem o que se está dizendo ao afirmar que “os relacionamentos continuam sendo os mesmos [neste contexto]” (SVENINGSSON, 2002, p. 75).

A perspectiva é completamente diferente, se, em vez levarmos em conta apenas os meios de interação, considerarmos também e principalmente o contexto global em que esses e os referidos contatos se desenvolvem. A ressalva permite-nos endossar a postulação destes outros autores, segundo os quais “a internet muda dramaticamente o campo do romantismo” e, ademais, “isso é algo que vai se acelerar daqui por diante” (ZE’EV, 2004, p. 247).

O fato é que, fora da abstração, a rede não é neutra e está se tornando um complicador da vida amorosa a que todos precisaremos nos adequar, porque, provavelmente, o processo que ela estrutura tecnicamente exigirá uma considerável relativização das noções de fidelidade e traição.

A partir da perspectiva moral, o cenário parece catastrófico, mas só é assim se esquecemos o contexto histórico mais amplo que de fato a limita, pelo menos até o capital e a técnica não viabilizarem a utopia do sexo ciborgue anunciada pelos propagandistas da cibercultura (LEVY, 2007). Como veremos, o pandemônio amoroso entrevisto com a ascensão da libertinagem eletrônica provavelmente esbarará por muito tempo ainda nos efeitos deletérios mas, talvez, sobretudo perversos do mercado de relacionamentos que está se articulando via internet.

Como observam os usuários dos sites de relacionamento, a experiência on-line ensina que, no virtual, não é mais fácil encontrar um amor do que no cotidiano imediato (cf. 9

de janeiro de 2007). A facilidade de acesso e a multiplicidade de contatos por meio dela viabilizadas ampliam nossas margens de escolha e comparação, de nossa liberdade, mas também nos expõem a riscos e competição que podem fragilizar os relativamente menos vocacionados e minar muitos relacionamentos.

O amor e a extensão do domínio da luta

Michel Houellebecq (2002) não é cientista ou teórico social, mas tem o mérito de chamar a atenção para o processo que, em nossa época, funde o desejo e a economia, o amor e a forma/mercadoria, sem reduzi-lo a um mito nostálgico ou resto pós-moderno de ideologia burguesa, como é o caso de muitos outros (LYOTARD, 1974; ILLOUZ, 1997). O escritor foi visto por bom tempo como um pornógrafo enrustido, em vez do moralista extenuado e romântico terminal que sua ficção, uma vez lida com melhor cuidado, de fato acusa. *Extensão do domínio da luta* é sinal disso, ao registrar, elaborar e comentar de maneira antecipatória boa parte da fortuna que talvez seja a do relacionamento afetivo agenciado no âmbito da cibercultura. O enredo, o cenário e os personagens, ligados ao mundo da informática, constituem uma situação literária que serve bastante bem para introduzir nossa reflexão crítica sobre as peculiaridades da sociabilidade amorosa que se articula em meio à expansão dessa tecnologia pelo nosso mundo histórico.

Durante sua ascensão, a burguesia elaborou reflexivamente suas circunstâncias, consumindo romances de formação. Com o passar do tempo, a sociedade que ela ajudou a criar acabou alijando essa classe da história, e à literatura mais autêntica não restou alternativa senão analisar a desintegração do indivíduo. No texto em foco, singular é o fato de o sujeito não ser mais o burguês, passando a encontrar representação no profissional anônimo da economia de serviços: é nele que o autor enxerta sua consciência reflexiva, a fim de comentar a sorte do amor em meio a uma ordem tecnocrática e capitalista.

Debaixo dos nossos olhos, o mundo se uniformiza; os meios de comunicação avançam; o interior dos apartamentos se enriquece de novos equipamentos. As relações humanas tornam-se progressivamente impossíveis, o que reduz, na mesma proporção, a quantidade de peripécias de que se compõe uma vida. E, aos poucos, o rosto da morte aparece, em todo o seu esplendor. O terceiro milênio mostra a sua cara. (HOUELLEBECQ, 2002, p. 18)

Como em outras obras do autor, o personagem principal encarna a figura do romântico desesperado, condenado à completa destruição emocional, num tempo em que o fator humano perdeu a densidade, e a vida se divide entre a busca frenética de prazer e a rotina burocrática na atividade empresarial. Analista de sistemas, trinta anos, anônimo,

ele se dá conta que, nessa era, a liberdade se reduziu à possibilidade de estabelecer conexões com os outros, mas, diante disso, ao entusiasmo de uns se contrapõe o niilismo de outros, como o seu próprio, porque a muitos não há chance de sucesso.

Para Houellebecq (2002, p. 82), o conceito de amor conserva misteriosamente uma potência operatória, a despeito de sua fragilidade ontológica: “o desejo de amor é profundo no homem”. Disso se origina nossa infelicidade, porque, em seu modo de ver, a convergência da atitude tecnocrática capitalista com o sensualismo hedonista que emerge com o fim das instituições tradicionais inviabiliza a manutenção de boas relações humanas. Finda a era do amor familiar, o liberalismo econômico com que se pode associar este fato assistiu ao desdobramento das suas leis de mercado para o campo dos relacionamentos afetivos, de modo que há agora dois sistemas de diferenciação: o profissional e o sexual.

No romance em foco, tudo isso resulta na exposição da desintegração moral do sujeito amoroso carente dos recursos adequados para fazer valer suas pretensões no mercado de relacionamentos. De acordo com seus termos, o texto constrói situações que as cartas enviadas ao site que estamos analisando documenta à exaustão. Isto é, o autor elabora literariamente a exclusão das pessoas sem capital erótico do mercado de relacionamentos; a exploração sexual, às vezes acompanhada de espoliação econômica, das mulheres sem vantagens estéticas competitivas; a humilhação ou desprezo dos homens simples, sem atrativo estético, sim, mas, reiterando um dado tradicional, sem status social e econômico. Nesse contexto, acontece de alguns abdicarem da luta, baixarem os braços e se voltarem para outros objetivos, tentando esquecer a ideia de ser feliz. Também há os que insistem e continuam a buscar seu sonho, conservando “a luta, o desejo e a vontade de lutar [pelo amor]”. Porém, outros, enfrentam os fracassos inevitáveis e “definham com seus insucessos” (HOUELLEBECQ, 2002, p. 109). Diante de um mercado desregulado e predatório, responsável por uma crescente dificuldade em criar e, ainda mais, manter os laços afetivos e os relacionamentos amorosos, prospera, entre muitos, o sentimento de que a solidão talvez seja “inevitável”. Pior ainda, a suspeita ou convicção de que “somos todos descartáveis”, como escreve um usuário do site match.com (9 de janeiro de 2007).

Entre os vários méritos do referido autor está o de acusar o fato de que isso não vitima apenas o sexo feminino: também os homens sofrem com essa situação, conforme ilustra, no romance, a caminhada depressiva rumo ao nada do personagem principal, como também o destino de seu colega, Tisserand. Também especialista em informática, esse último, ao contrário do primeiro, se recusa a aceitar as regras do mercado amoroso, que condena à infelicidade os desprovidos de capital erótico, enfrentando o sofrimento vivido por quem não consegue encontrar outros objetivos que não o afetivo em meio a uma ordem ao mesmo tempo hedonista e tecnoburocrática.

Como Fréhaut, seu chefe, Tisserand “sentia-se, com razão, ator da revolução telemática. Vibrava, realmente, a cada novo salto do poder informático. Experimentava cada passo rumo à globalização da rede como uma vitória pessoal” (HOUELLEBECQ, 2002, p. 38). Diferentemente dele, contudo, não se sentia feliz, despojado que era de beleza física e charme individual, sabedor de que não correspondia às prioridades e critérios de escolha das mulheres de seu universo. Depois de nova desilusão, ratificadora de sua falta de competência para os relacionamentos, e de um ataque de ressentimento, revelador da mediocridade de seus sentimentos, bateu com seu automóvel em um caminhão e morreu na estrada. Segundo as palavras do narrador, morreu, todavia, com o desejo de lutar contra a amargura e o abandono, “com a luta [pelo amor] no coração” (HOUELLEBECQ, 2002, p. 109).

Registro dessa situação, construída no romance, é típico nos sites de relacionamento: neles verifica-se que as exigências de juventude e beleza feitas às mulheres pelos homens encontram contrapartida não apenas nas exigências de status social e patrocínio pecuniário apresentadas aos homens pelas mulheres (2 de maio e 5 de dezembro de 2007). Várias vezes encontramos relatos de homens que se dizem objeto de brincadeira perversa por parte de mulheres inescrupulosas, pelo fato deles não terem encantos (21 de novembro de 2001 e 21 de junho de 2007).

Lendo a carta abaixo, que transcrevemos por extenso, isso tudo é deixado bem claro, porque, como afirma a chamada, agora “somos todos mercadorias”:

Estou neste site há alguns anos, mas às vezes me sinto como um produto à venda nele. As pessoas parecem olhar só o físico e deixam o conteúdo. Basta olhar ou mandar um e-mail que nos bloqueiam e, até mesmo sem ler o recado, só consideram a foto. Eu acho que a maioria fica encalhada pois exige muito e dá muito pouco. Não é fácil aceitar os filhos das outras e ainda ter que sustentá-los, pagar viagens, vinhos, etc. Sou como no meu perfil, homem íntegro e de caráter, zelo por um elo de confiança e de boa educação, mas o que vejo neste site é como no dito popular, laranja madura na beira da estrada ou ta bichada ou tem marimbondo no pé. Essa química entre os homens e mulheres não passa de sexo, o belo passa e o feio(a) é descartado(a). Será que sou tão feio assim? (29 de novembro de 2007)

Conclui com razão, portanto, um observador segundo o qual “a harmonia de fato é mais exceção que regra [nos relacionamentos virtuais]; abundam na rede as agressões, abusos e coações, o desencanto, muita loucura contida, que encontra válvula de escape muita vezes marcantes” (LEVIS, 2005, p. 91). O protesto feminino contra o hedonismo primário visado pelos homens, interessados apenas em sexo, virtual ou não, é correlato às reclamações masculinas quanto à indiferença, o silêncio ou, como é frequente se ler, o “sumiço” das mulheres; e reconhecendo que “desencontros e decepções ocorrem em ambos os sexos”, a moderadora pouco mais tem a dizer senão que, diante de toda essa situação, o melhor é aceitar que “é preciso ser paciente” (21 de janeiro de 2001).

No Ocidente, ao menos, a valorização do elemento estético não é algo novo: num ou noutro sentido, ela sempre foi fator relevante no agenciamento das relações entre homens e mulheres. A novidade, no caso, é sua subsunção às circunstâncias cada vez mais liberais e mercantis, sua inclusão no âmbito do mercado universal, capilarizado o instantâneo em que se vai tornando a internet.

Como diz Houellebecq (2002, p. 90), o liberalismo econômico foi, originalmente, uma extensão do domínio da luta, a sua extensão a todas as idades da vida e a todas as classes da sociedade por meio do surgimento das relações mercantis. Da mesma forma, o liberalismo sexual em curso no nosso tempo seria, antes de tudo, a extensão desse domínio, em todas as idades e em todas as classes, ao campo das relações amorosas entre os seres humanos.

Depois dos anos 1960, a escalada do individualismo e o completo abandono das instituições patriarcais, agenciados pelo igualitarismo promovido pela terceira onda do movimento feminista em meio ao triunfo da cultura de consumo capitalista, completaram a projeção das relações de gênero no subjetivismo moderno. A mulher começou a se tornar sujeito sexual legítimo, competente e ativo, em vez de objeto. A emancipação sexual que se seguiu à civil e à econômica criou as condições para ela se nivelar ao homem também nesse aspecto. A sexualidade se desvinculou definitivamente das preocupações com a procriação, ganhando mais em artifício e significado cultural.

O primeiro efeito desse processo foi, como esperado, a retomada da tendência ao esclerosamento do matrimônio, ensejando a pesquisa e o experimento com novas formas de relacionamento (LEFAUCHEUR, 1994). O segundo foi, de acordo com Lasch (1983), o acirramento da guerra entre os sexos e, assim, dos problemas de relacionamento e das divergências de perspectiva entre homens e mulheres.

Queremos dizer com isso que, nesse período, os problemas de relacionamento passaram a estar não apenas na sua manutenção, mas no seu próprio estabelecimento. Noutros termos, o próprio amor, romântico ou não, se tornou motivo problemático e objeto carente de esclarecimento para o sujeito contemporâneo. Dentro de um novo ciclo de expansão individualista, o amor passou a ser visto como “um processo extremamente problemático” (KIEV, 1985, p. 14).

O processo de nivelamento econômico e profissional entre homens e mulheres, por si só custoso do ponto de vista das exigências colocadas à subjetividade, expôs o sujeito de maneira mais crua ou menos matizada, sobretudo as mulheres, à competição sexual com os demais. A situação se traduz, para quem entra no jogo, num aumento das pressões para criar e investir em seus capitais, a fim de colher e manter os melhores relacionamentos.

Nos 1980, começou a aparecer a ideia de que a mulher pode e deve ter tanto sucesso quanto os homens, de que ela pode e deve competir de igual para igual com ele no mercado de trabalho e pelos melhores deles, com as outras mulheres, no mercado sexual. A revolução sexual iniciada no período anterior sofreu um golpe com a propagação da aids, mas esse fato não deveria ser superestimado, ao menos em comparação com outros

de maior alcance. Entre eles estão a expansão do culto do corpo e a erotização mercantil das relações íntimas, algo do qual dão sinal filmes de sucesso como *9 e 1/2 semanas de amor* (Adrian Lyne, 1986).

Desde essa época ocorre, com efeito, muito mais que um salto no monitoramento e controle reflexivo das emoções como forma de promoção de respeito e autorrespeito no relacionamento entre os sexos, observado por Cas Wouters (1998). O colapso dos fundamentos que sustentavam o estado de bem-estar e o correlato retorno às práticas de capitalismo selvagem liberaram os mecanismos de mercado de muitos freios, atraindo novos perfis de sujeitos, oriundos, entre outros, do mundo feminino, em cujas atitudes relacionais esses mecanismos repercutiram.

Como pergunta um usuário: será que o romantismo acabou? Em sua opinião:

A vida de competição e de valores diferentes [fez] com que a maioria das pessoas tenham se tornado pragmáticas e utilitaristas. Todos se comparam com todos e há sempre o desejo de ser igual [à] fulana ou de possuir tudo aquilo que beltrano tem. As mulheres são pressionadas a se tornarem magras, esbeltas, se quiserem conseguir um namorado, rico, de preferência: com um carrão, uma posição econômica sólida e uma bela e atraente aparência. (12 de novembro de 2007)

A formidável expansão no culto mercantil ao corpo que se verifica nessas condições é um processo que encontrou apoio na atitude de competição que a economia de mercado estimula e que explica por que, desde então, o enfrentamento dos relacionamentos amorosos envolve mais e mais preocupações estéticas e, mais e mais, esses despontam como índices problemáticos na vida do indivíduo contemporâneo.

Conclusão

Platão ligava o amor à beleza, entendendo que a perfeição estética é menos uma característica do objeto amado do que um valor a ele conferido por quem ama. Para ele, a beleza não assegura o amor. O amor é que torna belo o seu objeto. Denis de Rougemont (1988, p. 57) nota que o Ocidente moderno inverteu essa ideia, na medida em que nos prendeu à crença de que o amor depende da beleza física. Nesse âmbito, o amor tende a ser definido pela aparência do objeto.

Conforme o capitalismo se expandiu, essa crença se tornou motivo de uma indústria cultural. A crescente autonomia do elemento erótico e, com isso, de suas tensões, reforçadas por uma situação marcada pelo avanço do individualismo, passou a gravar os relacionamentos. A sexualidade começou a se desvincular do entendimento que a vinculava a um processo natural que dizia respeito aos sentimentos e, entre grupos pequenos, mas formadores de opinião, foi se convertendo em função de talentos e capital cultural, em um potencial a ser explorado mercantilmente e investido com artifício sobretudo no corpo.

Entre esses grupos, ao menos, o erotismo eventualmente começa, com efeito, a suplantar a mera sexualidade: só esta parece já não basta para atender às expectativas dos sujeitos. As relações entre homens e mulheres vão caindo no campo de um jogo sofisticado, que é sempre mais difícil e exigente em termos de forma estética, performance atlética e satisfação carnal. O avanço do hedonismo pós-moderno é, por isso, correlato ao surgimento de uma forma de ansiedade permanente, que repercute na consciência dos menos vocacionados, conforme se pode ouvir tanto nas cartas de lamento enviadas por gente comum aos sites de relacionamento, quanto por gente culta nas páginas de obras literárias bem acabadas.

As exigências de competência e performance que os relacionamentos sempre trazem latentes e que já bastam para lhes provocar problemas, enviando muita gente para a terapia, estão sendo agravadas pelo aparecimento de expectativas em relação à estética dos amantes e à postulação de uma conexão entre esta e as gratificações relacionais, bloqueando ou levando as tendências à desordem amorosa antes citada de um modo que, todavia, de modo algum pode servir de consolo para a consciência.

Para muitos, a conclusão tirada da experiência com o romantismo digital é a de que o amor não passa de “uma utopia”, como pensa Anne545 (“Será que o amor é uma utopia?”, 8 de outubro de 2007). O fato é que os cuidados com a forma e a saúde parecem estar submetendo os prazeres a uma disciplina fortemente mercantilizada. A satisfação afetiva vincula-se mais e mais a técnicas e artefatos, drogas e treinamentos. O corpo e o sexo estão se tornando motivo de novas ansiedades e preocupações, pondo os relacionamentos sob o risco ou o fantasma da falta de gratificação (WOUTERS, 1998, p. 209).

Por isso, apesar de os avanços que a internet representa para tornar o amor mais livre, transparente e gratificante não poderem ser ignorados, convém conservar em mente que, provavelmente tão importante quanto isso, é a base de apoio dado por ela para uma espécie de relançamento das práticas predatórias e vexatórias no relacionamento afetivo entre os sujeitos. Algo que nada tem de novo do ponto de vista moral, mas surpreende, ao vermos o quanto retoma força com a ajuda de uma tecnologia futurista como a internet.

Talvez a Dra. Thais (“Sites de relacionamento”, matéria sem data, site “Par perfeito”, internet) esteja certa: “Os sites de relacionamento se aperfeiçoaram do ponto de vista técnico, mas mais rapidamente do que [nossas] ideias a respeito dos relacionamentos”.

Referências

- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. (1995). *The normal chaos of love*. Cambridge: Polity.
- BEISLEBER, Miriam (2004). Internet para o amor. Site da Deutsches Welle, 30 maio.
- GIDDENS, Anthony (1994). *As transformações da intimidade*. São Paulo: Unesp.
- GONÇALVES, Marcio (2000). *Comunicação, virtual e amor no Ocidente*. Tese (Doutorado em Comunicação)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- GWINNELL, Esther (1999). *El amor en internet*. Buenos Aires: Paidós.
- HOCHSCHILD, Arlie (1995). Commercial spirit of intimate life. In: BABCOCK, Marguerite; MCKAY, Christine (Orgs.). *Codependency: feminist critiques*. Toronto: Toronto University Press.
- HOUELLEBECQ, Michel (2002). *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina.
- ILLOUZ, Eva (1997). *Consuming the romantic utopia*. Berkeley: UCLA.
- KIEV, Ary (1985). *O poder de amar*. São Paulo: Summus.
- LASCH, Christopher (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- LEFAUCHEUER, Nadine (1994). Modernidade, família e estado. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. Lisboa: Afrontamento.
- LEVINE, Deb (1998). *The joy of cybersex*. Nova York: Ballantine.
- LEVIS, Diego (2005). *Amores en red*. Buenos Aires: Prometeo.
- LEVY, David (2007). *Love + sex with the robots*. Nova York: Harper.
- LYOTARD, Jean François (1974). *Economie libidinale*. Paris: Minuit.
- PINHEIRO, Daniela (2002). Tecla comigo, vai. *Revista Veja*, São Paulo, ano 35, n. 46, 20 nov. 2002.
- _____ (2008). O amante do Mossad. *Revista Piauí*, São Paulo, n. 24, p. 16-21, set. 2008.
- RAMALHO, Erika (2005). *Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de relacionamentos amorosos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ROUGEMONT, Denis (1998). *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- SAMPAIO, Alice (2002). *Amor na internet*. Rio de Janeiro: Record.
- SVENINGSSON, M. (2002). Cyberlove: creating romantic relationships on the net. In: VVAA: digital borderlands. Nova York: Lang.
- WOUTERS, Cas (1998). Balancing sex and love since the 1960's sexual revolution. *Theory, Culture & Society*, v. 6, n. 3, p. 187-214.
- ZE'VE, Aaron Ben (2004). *Love on-line*. Cambridge: Cambridge University Press.

FRANCISCO RÜDIGER, doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Publicou recentemente *Cibercultura e pós-humanismo* (Edipucrs, 2008) e *Martin Heidegger e a questão da técnica* (Sulina, 2006).

frudiger@ig.com.br

*Artigo recebido em agosto de 2008
e aprovado em agosto de 2008.*